
Lições da NEP soviética para «Economia Socialista de Mercado» da China Popular

por Thomas Kenny**

Autores marxistas ocidentais de vários pontos de vista asseveram que a Nova Política Económica (*NEP*) renunciou a Economia Socialista de Mercado (*ESM*). Um autor observou: «A ordem social que actualmente se considera válida na China apresenta-se como uma espécie de *NEP* gigantesca e expandida», (Losurdo, 2000, 498). De forma semelhante, um panfleto recente dos comunistas britânicos comparou a China dos dias de hoje, com a sua economia socialista de mercado, à *NEP* da Rússia Soviética na década de 1920. «Em defesa da *NEP*, Lénine elaborou muitos dos mesmos pontos que Deng Xiaoping e representantes do Partido Comunista Chinês elaboram hoje (...) Naturalmente, a China no último quartel do século XX não era a Rússia no primeiro quartel. Mas as suas crises apresentam sintomas semelhantes. E os seus remédios assemelham-se fortemente uns com os outros» (*China's Line of March* 2006, 32).¹

Este meu documento partilha a visão de que a *NEP* é de facto uma precursora da *ESM*. Chego à conclusão, no entanto, não de que a *NEP* tenha sido um êxito, o precursor abortado da *ESM*, mas ao contrário de que a *NEP* conta-nos antecipadamente as contradições e limites da *ESM*.²

*www.resistir.info/variados/socialismo_de_mercado.html

** Autor de *O Socialismo Traído, Por Trás do Colapso da URSS*, Roger Keeren e Thomas kenny, Edições «Avante!», 2008.

¹Da mesma forma, um académico norte-americano, Albert L. Sargis, escreve na revista teórica e de discussão do CPUSA, que a *NEP* foi «uma economia socialista de mercado em forma embrionária» (Sargis 2004).

²A comparação de experiências revolucionárias tão remotas no espaço e no tempo como a *NEP* da Rússia e a *ESM* da China é certamente apropriada. Exemplo: a Comuna de Paris de 1871 e a Revolução de Outubro de 1917 tiveram lugar em circunstâncias totalmente diferentes. Mas a partir da Comuna, Marx fez importantes generalizações teóricas acerca da natureza do poder de Estado e das exigências da transformação revolucionária aplicáveis noutros lugares. Em 1917 Lénine testou-as na prática. Uma abordagem científica da história exige uma pesquisa de tais padrões. «Uma característica fundamental da historiografia anti-marxista é a absolutização do particular, do que é nacionalmente específico (...) Pois os anti-marxistas temem generalizações (...) eles evitam cuidadosamente conceitos que possam sugerir regularidades no desenvolvimento da sociedade». (E. Júkov, *Methodology of History*, Moscow: *USSR Academy of Sciences*, 1983, 56). É o caso do «excepcionalismo americano», um erro ideológico recorrente no movimento da esquerda dos EUA. O «excepcionalismo chinês» é um desvio nacionalista na esfera da teoria.

NEP e ESM: essencialmente o mesmo

Ironicamente, podem-se encontrar eminentes economistas chineses a negarem a conexão entre a NEP e a ESM ou, pelo menos, relutantes em afirmá-la. Um destacado economista chinês pró-mercado, o falecido Xue Mukiao, enfatizou a dissemelhança entre a NEP e a ESM.³ Tal dissociação é pouco convincente. A NEP é semelhante à ESM em todos os aspectos chave. Na finalidade e no conteúdo de classe a NEP e a ESM são idênticas: aumentar a riqueza da classe trabalhadora, do Estado socialista, através de uma política que necessita do crescimento de novas classes que são objectivamente hostis à construção socialista. As suas principais políticas são idênticas. Ambas promovem mecanismos de mercado, a propriedade privada, a concorrência, a integração na economia capitalista externa. Os seus resultados tiveram a mesma sequência. Ambas, após o êxito inicial, entraram em crise porque eram auto-contraditórias. Em teoria, eram idênticas. Desenvolveram-se e realizaram a recuperação das forças produtivas recuando para relações capitalistas de produção historicamente ultrapassadas, discordantes dos objectivos socialistas de um Estado dos trabalhadores. Finalmente, as suas crises foram as mesmas, como veremos abaixo.⁴

³Xue parece pensar que o apoio anterior a 1949 dos camponeses chineses à revolução – tornando desnecessária qualquer NEP pós-revolucionária para restaurar a aliança dos operários com o campesinato – torna a China diferente da Rússia (Xue Mukiao, 1981, 3). Xue asseverou: «Ele [Lénine] avançou com a NEP numa tentativa de controlar a pequena economia camponesa através do mercado mediante o desenvolvimento do comércio estatal e cooperativo (...) A situação na China era diferente». Xue continua este raciocínio, afirmando que a Revolução Chinesa já havia desenvolvido «cooperativas de abastecimento e comercialização» em zonas libertadas antes de 1949, separando politicamente os camponeses do latifundismo e ganhando-os para a revolução. A inexistência da necessidade na China de se perseguir o objectivo político da NEP – reconquistar o apoio político do campesinato – é um fraco argumento para demonstrar a não semelhança entre a NEP e a ESM. No entanto, indirectamente e talvez involuntariamente, Xue admite que a NEP foi adoptada em condições de necessidade genuína e que a ESM não era necessária no mesmo sentido estrito. A visão de Xue é uma posição mistificadora para um académico chinês. É bem sabido que Deng Xiaoping se mostrou profundamente interessado em aprender tudo o que podia acerca da NEP através do industrial dos EUA, Armand Hammer, que a conheceu em primeira-mão (http://www.reference.com/browse/wiki/Deng_Xiaoping). Possivelmente, muitas décadas de anti-sovietismo no discurso político chinês desencorajam comparações sino-soviéticas. A doutrina da «etapa primária do socialismo» ligada a uma teoria sobre 1989-91 oferece poucos incentivos para tais comparações, já que, para os Estados socialistas do Leste Europeu e a União Soviética tudo correu mal e a história pronunciou o seu veredicto. Um eminente pensador chinês escreveu que os Estados que caíram já não tinham nada de socialistas (ver Zhongkiao Duan, 1998, 224). Desde que isto aconteceu, houve tantas guinadas na política económica da China Popular que o período inicial, isto é, o período de 1949-56, é muito mais semelhante à NEP do que a própria ESM (Slakovsky 1972, 153).

⁴Obviamente, existem diferenças entre a NEP e a ESM. Primeiro, decorrem em diferentes circunstâncias históricas. A Rússia pré-1914 era um país capitalista de desenvolvimento médio, que foi arruinado pela I Guerra Mundial, pela intervenção estrangeira e pela guerra civil. No início da NEP, o governo de Lénine estava em perigo de perder o apoio do campesinato. Em 1949, a China era um país semi-feudal e semi-colonial; em 1978 a China havia perdido anos preciosos de desenvolvimento devido a políticas precipitadas, ultra-esquerdistas, aventureiras. Segundo, a ESM perdurou muito mais tempo. Certamente que a sensibilidade da China Popular ao perigo da perda de soberania nacional é um factor na paciência com que tanto as autoridades como o povo têm suportado as agudas contradições da ESM (ver Weil, 1996, 83). Além disso, a paciência chinesa é compreensível; arrancar da pobreza 400 milhões de chineses entre 1990 e

As bases da NEP

Recordemos o que foi a NEP. Em Março de 1921, após a rebelião do Kronstadt contra as políticas bolcheviques, o X Congresso do Partido Comunista Russo reuniu-se e ouviu Lénine argumentar em favor de um novo rumo na política soviética. Lénine argumentou a favor do que denominou «capitalismo de Estado», que deveria realizar-se nas seguintes formas: 1) *joint-ventures* com o estrangeiro e mesmo propriedade estrangeira de empresas («concessões»); 2) cooperativas baseadas nos princípios de mercado; 3) utilização de comerciantes capitalistas, bem como administradores económicos e especialistas técnicos treinados em métodos capitalistas de gestão e organização; e 4) o arrendamento de empresas de propriedade estatal e de recursos naturais tanto a capitalistas estrangeiros como nacionais. As empresas estatais, que controlavam os «níveis de comando», eram auto-suficientes e operavam segundo o princípio dos lucros e perdas, abastecendo-se elas próprias dos seus activos circulantes (Sargis, 2004).

Por que acabou a NEP?

A maior parte dos partidários do socialismo, incluindo este autor, encara a NEP sob uma luz positiva, como um expediente de curto prazo que teve êxito ao ajudar a Rússia revolucionária a sair de uma crise económica. Lénine provou estar certo: depois de ter sido restaurado o livre comércio nos cereais, a NEP teve êxito imediato. Mas no fim da década de 1920, contudo, a NEP terminou porque estava a aprofundar a crise e não por causa dos poderes arbitrários e excessivos de Stáline, como é muitas vezes apregoado.⁵

2003, segundo dados da OMC, é um feito estupendo. Terceiro, as perspectivas são qualitativamente diferentes. Na Rússia, a NEP foi vista como um recuo temporário para o «capitalismo de Estado». A China Popular abraçou todas as novas doutrinas do desenvolvimento, alongando a transição para o socialismo. Quarto, a Rússia Soviética cercada tinha o mundo externo hostil a pouca distância, interagindo com ele meramente através de acordos de paz e acordos comerciais. O Estado soviético permaneceu em grande medida economicamente autónomo. Em contraste, a China procurou a integração impetuosa na economia capitalista mundial. Quinto, na Rússia da NEP, o Partido mantinha uma vigilância estrita sobre a economia. As autoridades em Pequim, talvez porque o fenómeno de uma grande crise só amadureceu mais tarde, até recentemente transferiam grande parte da supervisão da economia para organismos regionais e locais. Sexto, durante grande parte da época da ESM, de 1978 até 1991, o alvo principal da hostilidade, pressão e subversão imperialista era a URSS, não a China Popular.

⁵ No ocidente capitalista, a NEP é um «terreno contestado» numa recorrente batalha ideológica entre comunismo e reformismo. Até 1985, a NEP constituiu a época da história soviética em que foi dada mais liberdade ao capitalismo. Assim, naturalmente, os reformistas sociais, reformistas liberais e comunistas revisionistas idealizam a NEP, mitologizando-a saudosamente como «o caminho não seguido». Na batalha para mudar de direcção em 1921, certas frases de Lénine – por exemplo, de que a NEP seria prosseguida «seriamente» e «por um longo período», forneceram aos oportunistas uma base documental para argumentar que o líder russo encarava a NEP como a nova rota permanente para o socialismo soviético. Já na década de 1930, o social-democrata austríaco Otto Bauer exprimiu a esperança de que a experiência da NEP poderia eventualmente suavizar o bolchevismo e conduzi-lo de volta à corrente principal do social-reformismo europeu. Em 1956, comunistas revisionistas húngaros, sob Imre Nagy, promoveram esta mesma imagem da NEP, tal como o fez mais tarde Ota Sik, conselheiro principal do

Múltiplas crises levaram a liderança soviética a terminar a NEP.⁶

A NEP trouxe mais cereais para as cidades (isto é, aumentou as forças produtivas), através do aumento dos incentivos para os camponeses, especialmente camponeses ricos (*kulaks*), na base dos antigos incentivos embutidos nas velhas relações de produção. Mas estas mesmas relações de produção pré-revolucionárias restauradas pelos bolcheviques deram o poder aos *kulaks* de reter os cereais do mercado na esperança de obterem preços mais elevados.

Num dado momento, a NEP restaurou rapidamente a aliança operário-camponesa, mas fê-lo à custa do fortalecimento dos inimigos de classe internos – os *kulaks* e os *NEPmen*⁷ – dando-lhes, objectivamente, especialmente aos últimos, uma capacidade crescente de determinar o ritmo da construção socialista. Portanto, no curto prazo, a NEP apaziguou o campo mas, a longo prazo, fortaleceu inevitavelmente as classes opostas à construção socialista. Além disso, alienou a classe social para a qual o sistema devia orientar-se, a classe trabalhadora.

O Estado soviético lutou arduamente para debelar as contradições, mas estas não podiam ser eliminadas e tenderam a agudizar-se ao longo do tempo. Aumentaram as

revisão checoslovaca Alexander Dubcek, em 1967-68. O historiador Roi Medvédev, um apoiante de Gorbatchov, louvou a NEP como «a mais vital contribuição de Lénine para a teoria e a prática do movimento socialista». Analogamente, a antiga e influente conselheira de Gorbatchov, Tatiana Zaslávskaja, promoveu a NEP como o modelo das reformas a partir de 1986. O analista de assuntos soviéticos do *The Nation*, Stephen F. Cohen, declarou: «Dito de uma forma simples, o Partido Comunista Chinês reabilitou a alternativa económica perdida com o stalinismo (...) a NEP, que estabeleceu uma economia mista, foi o primeiro experimento do socialismo de mercado». Nas suas memórias, Anatoli Cherniáev, um ajudante de topo de Gorbatchov, conta que depois de ter lido a biografia de Bukhárine, de Stephen F. Cohen, Gorbatchov – um bukharinista simplesmente inconsciente até então – decidiu reabilitar Bukhárine e adoptou-o como padrinho ideológico, por assim dizer, da perestróika. Alguns neo-bukharinistas dos dias de hoje, indo mais além do que o próprio Bukhárine ousou, fazem-se eco de economistas neoliberais tais como Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, que argumentavam que apenas «mercados livres» permitem a formação racional do preço e a eficiência distributiva. Os mercados «livres», apregoam esses neo-bukharinistas, são superiores ao planeamento central pelo menos no presente estado da ciência.

⁶Um comunista italiano coloca o problema de modo claro: «A maior parte dos historiadores está bem consciente das contradições que acabaram por levar à crise da NEP no fim da década de 1920» (Boffa, 1982, 178). Primeiro, o mercado criou instabilidade, como por exemplo a crise das «tesouras» de 1922-23, na qual a acentuada flutuação dos preços dos cereais provocaram escassez alimentar e desemprego entre trabalhadores, prejudicando camponeses pobres e muitos camponeses médios, mas beneficiando camponeses ricos, isto é, *kulaks*. Segundo, os soviets perceberam que as políticas da NEP condenavam a União Soviética a um período prolongado de atraso industrial, uma perspectiva inaceitável face aos boicotes e provável invasão por países ocidentais – sem mencionar o objectivo supremo de uma sociedade socialista próspera apenas possível na base da moderna indústria pesada. Terceiro, em 1927-28 a ideia de que os mecanismos de mercado, por si só, seriam suficientes para alimentar as cidades foi completamente destroçada quando, face à descida dos preços, os provocadores *kulaks* açambarcaram os cereais deixando as cidades confrontadas com a fome. A NEP também engendrou crescentes contradições políticas internas, como o crescimento de um nacionalismo pernicioso. Quando a situação internacional se agravou, as crises da NEP revelaram-se ingovernáveis.

⁷Os *NEPmen* eram comerciantes privados, uma nova burguesia que cresceu na época da NEP. (Ver Ball, 1987, 15-37).

desigualdades no campo e os desequilíbrios na indústria. Diminuíram as possibilidades de crescimento rápido da indústria pesada socialista. Formas de consciência social instigando a agitação e o retrocesso ideológico atingiram o interior do Partido e ameaçavam a sua unidade.⁸ A corrupção floresceu.⁹ Entre 1921-28, o imperialismo utilizou a NEP, no quadro das relações externas, para se ingerir nos assuntos soviéticos.¹⁰ O fortalecimento económico da pequena burguesia levou ao crescimento do nacionalismo pequeno-burguês, que assumiu duas formas: o chauvinismo grão-russo e o separatismo nacionalista nas antigas nações subjugadas (Lénine e Stáline, 1979; Stáline 1953, 243 - 44). Quanto mais o fim da NEP fosse adiado, maior seria o custo de uma viragem para o planeamento e a propriedade pública. Em 1928, a maior parte dos líderes soviéticos concluiu que ou os *kulaks* estrangulariam a revolução ou o Estado soviético teria de descobrir um meio de cortar o nó górdio. A solução determinava que: a) O socialismo podia ser construído num só país através da industrialização rápida. b) A industrialização rápida podia ser financiada com o aumento do rendimento da agricultura através das cooperativas agrícolas e da mecanização. c) Um confronto com os *kulaks* seria inevitável. d) O crescimento da indústria e da agricultura podia ser coordenado através do planeamento central (Keeran e Kenny, 2004, 18).

O poder premonitório da NEP

Tal como a NEP, a ESM avançou e realizou a recuperação das forças produtivas através de um recuo para relações capitalistas de produção historicamente ultrapassadas, discordantes de outros objectivos socialistas a médio e longo prazo da China Popular. Se na verdade a NEP é a matriz da ESM, que fenómenos seria de esperar que ocorressem na China? Nós esperaríamos ver – e estamos a ver – o crescimento de forças de classe hostis dentro do país; corrupção no Partido; regressão ideológica; agitação social; desemprego; desigualdade crescente entre ricos e pobres; desigualdade entre regiões; privações e agitação no campo;¹¹ condições gravosas para os imigrantes das zonas rurais em busca de trabalho nas cidades; abusos laborais, especialmente nas empresas controladas pelas corporações transnacionais (CTNs); distanciamento dos trabalhadores industriais e camponeses pobres em relação ao Partido; declínio dos serviços de saúde e educação (Hart-Landsberg and Burkett, 2004, 58-75).

Certas características especiais da ESM tornam a China Popular ainda mais vulnerável aos seus perigos do que a Rússia o foi durante a NEP. A inovação doutrinária da etapa primária de socialismo permitiu, até muito recentemente, uma atitude displicente em

⁸ «Durante a NEP, a burocracia, os administradores, os técnicos e a *intelligentsia* – o corpo dirigente da nova sociedade – era predominantemente, quase exclusivamente, constituído por elementos estranhos ao regime» (Carr, 1958, 116). A obra em vários volumes de Carr, *A History of Soviet Russia*, talvez seja o relato mais pormenorizado da NEP disponível em inglês.

⁹Sobre a corrupção da NEP, ver Ball 1987, 63, 106, 114, 116, 171.

¹⁰ O Acordo Anglo-Soviético de Comércio, no princípio da época da NEP, estipulava que os soviéticos tinham de restringir a «propaganda hostil» contra a Grã-Bretanha (Carr 1953, 289).

¹¹«Corrupção, poluição, confisco de terras, taxas e impostos arbitrários estão entre as principais causas de uma vaga de agitação social. Os tumultos tornaram-se uma constante na vida rural da China – mais de 200 “incidentes maciços de protesto” verificaram-se diariamente em 2004, indicam as estatísticas da polícia – minando os esforços do partido para assegurar a estabilidade social» (Kahn 2006).

relação aos sinais de aviso. A China tem uma integração muito mais plena na economia capitalista mundial, facto imposto por instituições tais como a Organização Mundial do Comércio (OMC). Desta integração resulta a facilidade de transmissão de choques económicos externos. A China permanece dependente de uma ordem política e militar dirigida pelo imperialismo. A pressão imperialista para desregular o sistema financeiro da China e, mais amplamente, para enfraquecer o controlo do Estado sobre o conjunto da economia e «se abrir», persiste. Se a China procurar corrigir abusos laborais nas empresas propriedade das CTNs, estas ameaçarão reduzir ou suspender os investimentos no país.

Questões decorrentes para ESM da China

Se esta análise da NEP é correcta, então colocam-se logicamente certas questões.

- A crise da ESM agravar-se-á forçosamente? A China conseguiu resultados extraordinários através do alargamento das relações capitalistas de produção, a mesma contradição que atormentou a NEP. Durante quanto mais tempo será a ESM sustentável? Para se por termo à NEP na União Soviética, em 1928-29, foi necessária uma luta demasiado sangrenta no campo, «uma terceira revolução», nas palavras de Bukhárine. Não será razoável pensar que a reversão do curso na China, se for adiada por «uma centena de anos»¹², irá também exigir um preço demasiado alto? A nova doutrina da «etapa primária do socialismo», a estender-se quase indefinidamente no futuro, parece subestimar gravemente a velocidade da constituição de classes objectivamente hostis ao socialismo na China Popular.

- Quais são as prováveis consequências da ESM na esfera da ideologia? Nos meados da década de 1920 os líderes soviéticos notaram a ascensão do nacionalismo pequeno-burguês. Poderá alguém avaliar o impacto ideológico regressivo da descolectivização e do retorno à propriedade privada em milhões de camponeses chineses?

- Haverá um caminho de desenvolvimento para a China Popular que ofereça uma taxa de desenvolvimento das forças produtivas igual ou ainda mais rápida? No Primeiro Plano Quinquenal, quando a URSS superou a NEP, foram atingidas taxas anuais de crescimento industrial da ordem dos 13 por cento.¹³ Dado que a construção socialista significa ao mesmo tempo criar relações socialistas de produção e aumentar as forças produtivas, poderá fazer mais sentido aceitar um crescimento mais lento da produção se tal for exigido para dedicar

¹²«A China encontra-se e permanecerá por um longo período de tempo na fase primária do socialismo, etapa histórica inevitável na modernização socialista de um país atrasado do ponto de vista económico e cultural, que se prolongará por uma centena de anos» (Estatutos do Partido Comunista da China, parcialmente revistos no XVII Congresso Nacional do PCC e aprovados em 21 de Outubro de 2007, http://news.xinhuanet.com/english/2007-10/25/content_6944738.htm) [Link actualizado pelo editor da presente versão portuguesa].

¹³Um historiador económico contemporâneo dos EUA, Robert C. Allen, afirma que o ritmo da industrialização do Primeiro e Segundo Planos Quinquenais atingiu um crescimento de 12,7 por cento ano (2003, 219). Esta é uma visão semelhante à do economista marxista Maurice Dobb, que cita economistas burgueses anti-soviéticos nos Estados Unidos, os quais calcularam taxas de crescimento da produção industrial soviética pelo menos de 14 por cento entre 1929 e 1937 (1968, 261-62).

mais atenção ao reforço da rede de segurança social e à recuperação do bem estar dos trabalhadores e camponeses?

- Será totalmente inédito que fenómenos de crises inesperadas surjam na ESM fora do controlo das autoridades de Pequim? A NEP foi cheia de surpresas. As relações capitalistas de produção na China são vastas. A integração do país no sistema capitalista está avançada. Muitos – incluindo a Wall Street (Kahn 2005; Barboza 2006b) – temem a emergência de um dos maiores males do capitalismo, uma crise cíclica de sobreprodução ou, no jargão dos negócios, um *crash* após um longo *boom*. Os planeadores centrais em Pequim cederam muito poder à espontaneidade do mercado.¹⁴ Será que está posta em causa a capacidade do Estado de estabilizar uma economia estrepitosa e amortecer o impacto brutal de choques externos?

- Haverá algum realismo em supor que o imperialismo consentirá uma «ascensão pacífica da China»?¹⁵ A NEP restringiu as «concessões estrangeiras» e confinou o comércio externo praticamente às trocas de cereais por maquinaria pesada. O peso da China na economia mundial tem aumentado. Mas a história teve episódios sinistros. Porventura a Grã-Bretanha imperialista aquiesceu à «ascensão pacífica» da Alemanha em 1870-1914? Ou a América imperialista aquiesceu à «ascensão pacífica» da URSS em 1945-91? A história mostra-nos que a China Popular terá de lutar pelo seu sistema socialista, pela sua independência nacional e pela paz. O imperialismo é inimigo destes três objectivos.

- Se a ESM significa que a China continuará a pugnar pela sua integração num mundo política e economicamente dominado pelos EUA, como poderá este país socialista cumprir suas responsabilidades internacionalistas? Deverá a China procurar desenvolver-se atraindo investimentos estrangeiros e competindo no comércio exterior apenas na base dos salários baixos?¹⁶ Os interesses da classe trabalhadora da China não são os únicos que estão em causa. Todos os amigos do socialismo chinês ficaram satisfeitos com os passos dados recentemente para melhorar os direitos laborais (Barboza 2006a). Quando a URSS alcançou milagres de produção nos primeiros dois Planos Quinquenais, revolucionários de todo o mundo ganharam ânimo. O prejuízo ideológico para o prestígio do socialismo provocado pela imagem da China – merecida ou não – como «fábrica do mundo com péssimas condições de trabalho» é grande.

¹⁴Monopólios transnacionais de propriedade ocidental e japonesa controlam cada vez mais a economia chinesa. A sua parte nas vendas totais de produtos manufacturados na China passou de 2,3 por cento em 1990 para 31,3 por cento em 2000 (Hart-Landsberg and Burkett 2004).

¹⁵A *Foreign Affairs* é uma revista chave no debate da classe dominante dos EUA acerca de política externa. Num artigo na *Foreign Affairs*, Zheng Bijian escreveu com a maior ingenuidade que uma «ascensão pacífica» dependia dos anseios da potência em ascensão, não dos armamentos da potência hegemónica, os EUA, armada até os dentes com milhares de armas nucleares e com um cadastro medonho no seu emprego contra um povo asiático. Zheng escreve: «A China não seguirá o caminho da Alemanha que levou à I Guerra Mundial» e «a China ultrapassará diferenças ideológicas no seu empenho pela paz, desenvolvimento e cooperação». O artigo identifica o autor como um dos que «redigiu relatórios chave em cinco congressos nacionais do partido chinês e que ocupa postos elevados em organizações académicas e do partido na China» (2005).

¹⁶«Apesar de os custos horários totais dos trabalhadores industriais terem aumentado mais rapidamente na China do que nos Estados Unidos entre 2002 e 2004, a remuneração horária por trabalhador na China continuava a ser três por cento do nível dos Estados Unidos» (Lett and Banister 2006).

Conclusão

É de saudar que a liderança iniciada em 2002, perturbada por indicadores negativos, esteja a combater mais firmemente as consequências perniciosas da ESM. Este estudo, assim o espero, acrescenta argumentos, baseados na teoria e na história, aos esforços dos líderes chineses que desejam ir mais adiante nesta rectificação. O movimento revolucionário mundial sofreu imensas perdas com a destruição do socialismo na Europa e na URSS quase no fim do século XX. O movimento ainda está a lutar para recuperar deste revés. Temo ao pensar no desespero que dominará toda a humanidade progressista no século XXI se a subestimação dos perigos inerentes à «economia socialista de mercado» vier a causar danos irreparáveis às realizações revolucionárias da China Popular.

Bibliografia

- Allen, Robert C. 2003. *From Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution*. Princeton, Princeton Univ. Press.
- Ball, Alan M. 1987. «Building Communism with Bourgeois Hands». Chap. 1 of *Russia's Last Capitalists: The Nepmen*, 1921–1929. Berkeley, Univ. of California Press.
- Barboza, David. 2006a. *China Drafts Law to Empower Unions and End Labor Abuses: Opposition Voiced by US and other Corporations*. *New York Times*, 13 October.
- 2006b. *Rare Look at China's Burdened Banks: Loan Risk Adviser Warns of Cover-Up*. *New York Times*, 15 November 2006.
- Boffa, Giuseppe. 1982. *The Stalin Phenomenon*. Ithaca: Cornell Univ. Press.
- Carr, Edward Hallett 1953. «NEP in Foreign Policy». Chap. 27 in *The Bolshevik Revolution, 1917–1923*, vol. 3, Soviet Russia and the World. London: Macmillan.
1958. «Socialism in One Country», Vol. 1 of *A History of Soviet Russia*. London: Macmillan, (1958).
- «China's Line of March». 2006. Conclusions and Prospects from a report of the Communist Party of Britain delegation to China. London: Communist Party of Britain.
- Dobb, Maurice. 1968. *Soviet Economic Development since 1917*. New York, International Publishers.
- Hart-Landsberg, Martin, and Paul Burkett. 2004. «China and Socialism: Market Reforms and Class Struggle». Special issue of *Monthly Review* (July-August).
- Kahn, Joseph. 2005. «Investment Bubble Builds New China». *New York Times*, 23 March.
2006. «A Sharp Debate Opens in China over Ideologies». *New York Times*, 12 March.
- Keeran, Roger, and Thomas Kenny. 2004. *Socialism Betrayed: Behind the Collapse of the Soviet Union*. New York: Interners.
- Lenin, V. I., and J. V. Stalin. 1979. Selections from V. I. Lenin and J V. Stalin on the National and Colonial Question. Calcutta, Calcutta Book House.
- Lett, Erin, and Judith Banister. 2006, «Labor Costs of Manufacturing Employees in China: An Update to 2003–2004». *Monthly Labor Review* (November): 40–45. U.S. Bureau of Labor Statistics.
- Losurdo, Domenico. 2000. «Flight from History? The Communist Movement between Self-Criticism and Self-Contempt», *Nature, Society, and Thought* 13, no. 4:457–511.
- Sargis, Al L. 2004. «The Socialist Market Economy: Unfinished Business». *Political Affairs* (January).
- Slakovsky, M. I., ed. 1972. *Leninism and Modern China's Problems*. Moscow, Progress Publishers.
- Stalin, J. V. 1953. «Report on National Factors in Party and State Affairs». 12 th Congress of Russian Communist Party, 23 April. In *Works*, 241–68. Moscow, Foreign Languages Publishing House.
- Weil, Robert. 1996. «Red Cat, White Cat: China and the Contradictions of *Market Socialism*» New York, *Monthly Review Press*.
- Xue Muqiao. 1981. *China's Socialist Economy*. Beijing, Foreign Languages Press.
- Zheng Bijian. 2005. «China's "Peaceful Rise" to Great Power Status», *Foreign Affairs* 84, no. 5 (September–October): 18–24.
- Zhongqiao Duan. 1998. «Critique of Market Superiority and Market Neutrality». *Nature, Society, and Thought* 11, no. 2:221–39.